

TIRAS CÔMICAS EM AMBIENTES VIRTUAIS: UM CAMINHO PARA APRIMORAMENTO DA LEITURA

Paulo RAMOS⁷⁶

Resumo: Este artigo procura demonstrar que a presença de tiras cômicas em ambientes virtuais pode ser um meio de aprimoramento da leitura dessa forma de texto multimodal. Exemplos mais complexos desse gênero das histórias em quadrinhos tendem a ter um baixo grau de compreensão por parte de estudantes, em particular do ensino médio brasileiro. Entende-se que a inserção das tiras em redes sociais e a troca de informações sobre o conteúdo delas no espaço destinado aos comentários podem criar um processo coletivo de aprimoramento dos sentidos presentes no texto. A análise será feita com base nos comentários registrados em um blog de tiras.

Palavras-chave: Tiras cômicas. Ambientes virtuais. Redes sociais. Sentido. Texto multimodal. Leitura.

Resumen: *Esta ponencia intenta demostrar que la presencia de tiras cómicas en ambientes virtuales puede ser una manera de mejorar la lectura de esa producción multimodal. Ejemplos más complejos de ese género de las historietas acostumbra tener bajo grado de comprensión por parte de los estudiantes, en especial los que estudian en el enseñanza media brasileña. Entendese que la inserción de las tiras en redes sociales y el cambio de informaciones a respecto de los contenidos de ellas en el espacio destinado a los comentarios pueden crear un proceso colectivo de perfeccionamiento de los sentidos contenidos en el texto. La análisis será hecha con comentarios registrados en un blog de tiras.*

Palabras-llave: *Tiras cómicas. Ambientes virtuales. Redes sociales. Sentido. Texto multimodal. Lectura.*

⁷⁶ Departamento de Letras da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Guarulhos, São Paulo, Brasil. E-mail: contatopauloramos@gmail.com

Não existem no Brasil muitos indicadores específicos sobre a leitura de histórias em quadrinhos. O que há são registros pontuais sobre o assunto, mencionados tangencialmente em levantamentos sobre outros temas ou então em respostas de questões vestibulares ou de avaliação da qualidade do ensino básico.

Do primeiro caso, pode-se citar a pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, que teve quatro edições entre os anos de 2000 e 2016. Do segundo, o desempenho obtido por estudantes que fazem as provas do Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) ou do Saresp (Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do Estado de São Paulo).

Mesmo não tendo os quadrinhos como foco central, esses dados esparsos parecem convergir para dois aspectos comuns: o de haver uma aparente aceitação para essa forma de leitura, contrastada por uma dificuldade em compreender o sentido de algumas dessas produções, principalmente as que trazem informações menos explícitas e que demandem um maior grau de inferência. Abordar essa oposição, tão presente no meio educacional brasileiro, é um dos objetivos deste artigo.

Entende-se que um dos possíveis caminhos para aprimorar estratégias de produção de sentido junto aos estudantes possa estar nas redes sociais. O deslocamento do conteúdo do ambiente escolar para o dos ambientes virtuais pode tornar o contato com os quadrinhos um exercício de leitura sem que seja visto dessa forma pelo aluno.

Quando inserida em plataformas como Facebook, Twitter ou blogs, as histórias em quadrinhos não se restringem a serem lidas. Elas são também comentadas por uma gama plural de pessoas que também teve contato com aquele conteúdo. Por meio das trocas de mensagens, que podem ser acompanhadas livremente por qualquer internauta, tem-se um rol variado de olhares sobre a narrativa, acarretando, também, um aprofundamento da leitura.

Para demonstrar uma possível aplicação desse processo coletivo de construção do sentido, iremos trabalhar com um exemplo de tira cômica veiculada no blog “Will Tirando”, do desenhista brasileiro Will Leite. Com base na análise dela e dos comentários registrados pelos leitores, pretendemos demonstrar o quanto a participação ativa dos internautas contribui para um aprimoramento do sentido proposto pela história.

Este estudo se vincula ao campo da Linguística Textual, em particular no modo como foi construído teoricamente no Brasil. Conforme autores como Marcuschi (2008), Cavalcante (2012) e Koch (2015), essa área postula que o texto seja um evento comunicativo, em que a construção do sentido é resultado do contato entre os sujeitos da interação (autor/leitor, falante/ouvinte), socialmente situados e portadores de informações cognitivas prévias.

Custódio Filho (2011) e Ramos (2011, 2012), entre outros autores, têm defendido que essas premissas e o arcabouço teórico da Linguística Textual podem ser aplicados também a produções que envolvam mais de um código, caso das que mesclam elementos verbais escritos e de ordem visual e que vêm sendo chamadas de textos multimodais.

Na leitura de Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014, p. 152), um texto será multimodal “sempre que, para a configuração dos sentidos, houver o entrecruzamento de linguagens – verbal (oral e/ou escrita), visual, sonora”. Concordando com tal definição, entendemos ser esse também o caso específico das histórias em quadrinhos, foco desta nossa discussão.

Estudos que tenham abordado os quadrinhos de um ponto de vista textual também serão de valia para esta análise. Assim como pesquisas que tenham buscado dar respostas para o funcionamento do processo interativo em redes sociais e no ambiente virtual.

A trajetória deste artigo seguirá o seguinte percurso. Inicialmente, abordaremos alguns dos (poucos) indicadores de leitura existentes sobre histórias em quadrinhos, com foco em um de seus gêneros mais populares e utilizados no ensino, as tiras cômicas. Em consonância com Ramos (2011, 2016a, 2016b), estas serão definidas como um texto multimodal que, a exemplo das piadas, procura trazer um desfecho inesperado, que leva ao sentido de humor.

Depois, parte-se para a contextualização das tiras – forma sinônima de tiras cômicas, que também será utilizada a partir deste ponto – nos ambientes virtuais para, por fim, dar início à proposta de análise do objeto de estudo selecionado para esta discussão.

Indicadores de leitura

As histórias em quadrinhos – e mais particularmente as tiras cômicas – têm sido usadas como forma de medir a capacidade que os alunos têm de associar elementos verbais escritos e visuais durante a leitura. Por serem um texto multimodal composto justamente por tais códigos, a apropriação delas no ambiente educacional se tornou recorrente no país.

Segundo Ramos e Silva (2016), esse uso dos quadrinhos no ensino brasileiro foi historicamente acompanhando a mudança de olhar dado às concepções de leitura e de texto. Até a década de 1970, predominava no país a abordagem que enxergava a leitura como o ato de acompanhar o conteúdo de produções estritamente compostas por palavras – a imagem era tida como elemento marginal e vista como algo que afastava os alunos das letras. O conceito de texto, por consequência, restringia-se aos casos estritamente verbais.

Nas décadas de 1970 e 1980, a presença dos quadrinhos nos livros didáticos passou a ser mais tolerada, consequência da inclusão dos meios de comunicação de massa no escopo dos conteúdos a serem trabalhados junto aos alunos. Mesmo assim, ainda predominava à época a concepção de que texto se restringia ao conteúdo verbal. Tanto que a maior parte das questões que se valiam de quadrinhos tendia a restringir as abordagens aos aspectos gramaticais.

Ramos e Silva enxergam uma mudança mais substantiva no final do século passado, com o surgimento dos PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais). As recomendações elaboradas pelo Ministério da Educação explicitavam os quadrinhos entre os gêneros com que os alunos deveriam ter contato. Já neste século, somaram-se aos documentos oficiais as discussões acadêmicas a respeito do processamento dos textos multimodais e sobre a necessidade do domínio deles do ponto de vista da leitura.

Apesar de os quadrinhos figurarem entre os conteúdos (agora oficialmente) inseridos no circuito educacional contemporâneo, os poucos indicadores de proficiência de leitura sugerem haver dificuldade dos alunos na compreensão de parte dessas produções, em especial quando elas apresentam informações que exigem um maior grau de complexidade.

Parece haver duas situações distintas, segundo evidenciam os levantamentos consultados. O estudante tende a ter um índice maior de proficiência de leitura quando apresentado a tiras cômicas que apresentem de forma explícita a chave para a construção do humor. Por outro lado, quando posto frente a informações a serem inferidas pelo texto, seja via imagem, seja via palavra, tende a apresentar proficiência menor.

O já mencionado Saresp ajuda a ilustrar esse aspecto. O sistema avaliativo tem entre seus objetivos aferir o nível de compreensão textual dos estudantes do estado de São Paulo. Algumas das questões se apoiam em histórias em quadrinhos para medir a capacidade que o aluno tem de estabelecer relações entre o que a imagem mostra com o que é exposto por meio de palavras.

O teste aplicado no ano de 2015 utilizou esta tira cômica de Mafalda, criação do argentino Quino, como tema de uma de suas questões:



Figura 1 – Tira de Mafalda usada em prova do Saresp

Fonte: QUINO. Mafalda. In: SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Relatório pedagógico Saresp 2015**. São Paulo: 2015. p. 131. Disponível em:

http://file.fde.sp.gov.br/saresp/saresp2015/Arquivos/LP_2015_online.pdf

Pedia-se que o estudante lesse a tira e, considerando as falas do personagem Manolito e as roupas que trajava, respondesse qual seria a estação do ano retratada na história. Havia quatro alternativas de resposta, cada uma correspondendo a uma das estações do ano. Acertou quem havia preenchido “inverno”.

Segundo o relatório pedagógico referente à prova⁷⁷, houve índice de acerto de 91,3% entre alunos do quinto ano do ensino fundamental, a quem foi destinado teste. Isso corresponderia a um nível de leitura considerado avançado, conforme o Saresp – as outras categorias de proficiência eram adequado, básico e abaixo do básico. Os mesmos estudantes tiveram contato com outra tira no exame daquele ano, com resultados bastante próximos (85% de acerto).

Os dados gerais do Saresp de 2015 indicam uma tendência de queda na proficiência de leitura à medida que o aluno vai avançando no nível de escolaridade. Se no quinto ano do ensino fundamental o grau de domínio dos conteúdos textuais era adequado, no ensino médio caía para básico.

Observando historicamente, os resultados são os mesmos. De 2010 a 2015, em que pese uma pequena melhora anual nos dados referentes ao fundamental, ela não foi suficiente para elevar o nível do quinto ano para a categoria avançado. No ensino médio, os índices foram quase os mesmos ao longo dos anos, permanecendo no grau básico.

Uma vez mais, reprisa-se a informação de que não há dados específicos sobre a leitura de histórias em quadrinhos para aferir se há um espelhamento exato desses indicadores na

⁷⁷ SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Relatório pedagógico Saresp 2015**. São Paulo: 2015. Disponível em:

http://file.fde.sp.gov.br/saresp/saresp2015/Arquivos/LP_2015_online.pdf Acesso em: 29 ago. 2016.

compreensão de seus gêneros, tiras cômicas entre eles. Mas há sinalizações de que, ao menos no ensino médio, existam reflexos disso.

Se analisarmos o desempenho dos candidatos que prestaram o vestibular da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas), podemos perceber que há uma histórica dificuldade em explicar estratégias de produção do humor nas tiras cômicas utilizadas como tema de questões na prova de Língua Portuguesa.

A proposta, nesses casos, é a de aferir a capacidade de leitura não apenas das informações explícitas, tanto na parte verbal escrita quanto na visual, mas também da articulação delas e dos conteúdos que precisam ser inferidos para que se possa identificar o sentido proposto pelo texto multimodal. Como neste exemplo, presente na prova de 2011:



Figura 2 – Tira cômica de Laerte utilizada em questão do vestibular da Unicamp

Fonte: COMVEST. **Vestibular nacional Unicamp 2011 – Língua Portuguesa: 2ª fase.** Campinas, SP:

Comvest/Unicamp, 2011. p. 8.

O enunciado da questão pedia que fosse explicitado o deslocamento de sentido necessário para a construção do humor e também que ele fosse descrito, quadro a quadro, por meio da relação estabelecida entre as imagens e o que era dito. Segundo o Comvest (Comissão Permanente para os Vestibulares)⁷⁸, responsável pelo processo seletivo da Unicamp, a nota média obtida foi 1,2 entre os alunos que fizeram a prova e 1,3 entre os que prestaram o vestibular e, depois, matricularam-se em algum dos cursos da universidade. O valor total da questão era cinco pontos.

⁷⁸ COMVEST. **Vestibular nacional Unicamp 2011 – Língua Portuguesa: 2ª fase.** Campinas, SP: Comvest/Unicamp, 2011.

O índice pode ser considerado baixo do ponto de vista de proficiência de leitura e de explicitação dos conteúdos na modalidade escrita (a questão era dissertativa). Comparativamente com provas de anos anteriores, percebe-se comportamento semelhante. Em 1993, uma questão envolvendo tira da série “As Cobras”, de Luis Fernando Verissimo, obteve apenas 14% de acerto total (valia cinco pontos também)⁷⁹.

Dos estudantes que fizeram aquela questão, 30% tiraram nota zero ou deixaram a resposta em branco. Nota um representou 7% e dois, 15%. Ou seja, se somados esses índices (respostas em branco + nota zero + nota um + nota dois), percebe-se que mais da metade dos candidatos (52%) obteve desempenho abaixo da média. Apenas para registro, 19% dos estudantes tiraram nota três e 15%, nota quatro. Uma vez mais, desempenho aquém do esperado.

Pela falta de dados mais amplos sobre o tema, seria prematura uma conclusão cabal de que os estudantes do ensino médio – ou ao menos os paulistas – apresentam dificuldade na leitura de tiras cômicas. Seria possível dizer, porém, que há uma inclinação a um rendimento menor do processo de compreensão textual à medida que se exige do aluno uma intelecção menos explícita e, portanto, menos óbvia também.

Pode-se ponderar que se trata de uma conclusão um tanto quanto óbvia até. Se a complexidade na apreensão das informações é maior, a dificuldade, em tese, deveria seguir o mesmo caminho. O contra-argumento é que, apesar disso, a expectativa é a de que se tenham leitores proficientes na análise de textos multimodais como esses e que o distanciamento do sentido global proposto pelas tiras cômicas fosse exceção, e não maioria, entre estudantes dessa faixa de escolaridade.

O que nos leva a uma das questões centrais propostas neste artigo, a de discutir formas de como trabalhar a melhoria na leitura de tiras cômicas junto aos alunos. Entendemos que um dos caminhos possíveis – já concordando com a premissa de que existem outras, tão válidos quanto – possa estar na presença desse gênero nas redes sociais.

Tiras cômicas em ambientes virtuais

Uma das questões que a quarta edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil procurou sistematizar foi o quanto as pessoas se valem das plataformas virtuais para a leitura e trocas de mensagens. Divulgado em 2016 e baseado em levantamento nacional realizado

⁷⁹ Os dados constam em obra de Abaurre e Possenti (1993).

nos meses finais do ano anterior⁸⁰, o estudo revelou que as atividades predominantes na internet, naquele momento, eram (Tabela 1):

Tabela 1 – Atividades predominantes na internet – Dados gerais

| <i>Atividades</i> | <i>Percentual</i> |
|---|-------------------|
| Uso do WhatsApp ou do Snapchat, redes baseadas na troca rápida de mensagens | 66% |
| Envio e recebimento de e-mails | 54% |
| Acesso a redes sociais e/ou participação em fóruns | 50% |
| Escutar música | 50% |
| Assistir a vídeos, filmes ou TV on-line | 48% |

Fonte: INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da Leitura no Brasil – 4ª edição.**

São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2016.

O levantamento permite fundamentar em números um comportamento percebido nitidamente na sociedade contemporânea: o uso predominante dos meios virtuais, acessados por diferentes suportes tecnológicos (computadores, tablets, celulares, smartphones). A pesquisa confirma ainda outra percepção: a de que tais práticas são bastante familiares aos jovens em idade escolar.

As mesmas atividades elencadas na Tabela 1 são utilizadas ainda mais entre os brasileiros em faixas etárias abaixo dos 18 anos. Vejamos, a título de exemplo, o comportamento entre adolescentes dos 14 aos 17 anos, período ideal para que seja cursado o ensino médio (Tabela 2):

⁸⁰ A pesquisa foi realizada pelo Instituto Pró-Livro e executada pelo Ibope (Instituto Brasileiro de Opinião e Estatística). Segundo o relatório do levantamento, foram aplicadas 5.012 entrevistas entre 23 de novembro e 14 de dezembro de 2015. A análise abrangeu 315 municípios brasileiros.

Tabela 2 – Atividades predominantes na internet – Faixa etária entre 14 e 17 anos

| <i>Atividades</i> | <i>Percentual</i> |
|--|-------------------|
| Uso do WhatsApp ou do Snapchat | 75% |
| Envio e recebimento de e-mails | 51% |
| Acesso a redes sociais e/ou participação em fóruns | 55% |
| Escutar música | 63% |
| Assistir a vídeos, filmes ou TV on-line | 60% |

Fonte: INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da Leitura no Brasil – 4ª edição.**

São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2016.

Vê-se que, em comparação com a média geral, há aumento no percentual presente em todas as atividades elencadas. Constata-se, portanto, que sejam formas de leitura e escrita comuns a jovens dessa faixa etária. Outro dado da pesquisa reforça essa interpretação: 88% das pessoas que estão estudando acessam a internet.

Ainda se observarmos o perfil de quem está no ensino médio, a pesquisa revela que 67% dos entrevistados mencionaram a internet como atividade de que gosta de usufruir no tempo livre. Ainda nas horas de folga, 63% afirmaram utilizar o WhatsApp e 35%, as redes sociais Facebook, Twitter e Instagram. Na média geral, esses mesmos índices são menores, correspondem a 47%, 43% e 35%, respectivamente.

É de esperar que o alunado brasileiro, que tanto acessa WhatsApp e redes sociais, tenha tido contato, mesmo que esporádico, com alguma tira cômica presente em uma dessas páginas ou então compartilhada por alguém. Diz-se isso porque, segundo Ramos (2015a), o número de tiras presentes na internet brasileira já supera o das impressas nos jornais, até mesmo porque boa parte das veiculadas nos cadernos de cultura dos diários tende a ser, depois, reproduzida pelos próprios autores em suas páginas virtuais e redes sociais.

Assim como muitos gêneros contemporâneos, as tiras cômicas também rumaram para as plataformas de circulação virtual. Do ponto de vista de constituição do gênero, conforme Ramos (2015b), são mantidas as marcas centrais herdadas dos jornais impressos, onde as tiras se consolidaram ao longo do século 20. Reitera-se a tendência de composição de um texto que procura apresentar um desfecho inesperado, que leva ao humor.

A manutenção das marcas genéricas é uma das possibilidades apontadas por Araújo (2016) para a reelaboração dos gêneros. Segundo o pesquisador, percebe-se um *continuum*

nesse processo de transição dos meios impressos para as redes sociais. Por um lado, haveria situações que tenderiam a uma estandardização das formas já cristalizadas, ocorrendo um menor grau de intervenção dos sujeitos. Por outro, cenários em que os participantes da interação interviriam mais, modificando e reconfigurando as marcas já existentes.

As tiras, como dito, tendem a se aproximar dos aspectos de estandardização. Isso, no entanto, não minora a relevância de algumas inovações a que elas estão sujeitas pela presença nas mídias virtuais. Nesses novos espaços, de acordo com Ramos (2015b) e Castro (2016), as tiras se inserem em um cenário enunciativo distinto do visto no impresso, o que permite a inclusão de elementos paratextuais diferenciados (como textos de apoio ou títulos), uma maior flexibilização do tamanho dos formatos usados para narrar a história de humor e uma interação direta com o leitor, viabilizada pelo espaço dos comentários presente nas redes sociais.

As manifestações de quem lê aquele conteúdo podem se dar de formas distintas. Uma primeira possibilidade é “curtir” o que fora visto. Essa atividade se resume, na prática, a clicar em um ícone presente na parte inferior da postagem (no Facebook, aparece a palavra “curtir” ladeada por uma imagem de mão, indicando com o polegar o sinal de “positivo”; no Twitter, consta um símbolo de coração). A lógica é simples: quanto mais curtidas, maior a repercussão daquela postagem no meio virtual.

Outra possibilidade é a de compartilhar o conteúdo, ou seja, de se apropriar daquele texto postado e inserir na sua própria linha de mensagens. A postagem pode ser reproduzida com ou sem o acréscimo de algum comentário, como um paratexto sobre o que será lido na sequência. Caso queira, a pessoa pode tanto curtir como também compartilhar. Não são atividades excludentes.

Um terceiro caminho de manifestação é por meio dos comentários. Esse recurso é presente tanto no Facebook quanto em blogs. O espaço para que a pessoa escreva e opine aparece no final da postagem. No Twitter, o recurso existe, mas é um pouco diferente: o internauta pode responder aos conteúdos, construindo uma espécie de diálogo virtual na tela. Uma vez mais, o número de interações ajuda a medir a repercussão dos conteúdos.

Em estudo específico sobre blogs jornalísticos, Oliveira (2013) propõe um método de análise das manifestações dos leitores registradas no espaço dos comentários. Ela sugere que sejam observados três aspectos nas interações: 1) intervalo de tempo entre as mensagens; 2) identificação dos coenunciadores (a quem se dirigem os comentários); 3) finalidade do comentário.

O último item é entendido pela pesquisadora como sendo a focalização dada pelo internauta. O comentário poderia tanto abordar o tema da postagem como também migrar para outros aspectos, como ser uma resposta direta ao autor daquela página virtual ou a outro leitor, construindo um par conversacional, ou até mesmo um acréscimo ou correção da informação registrada.

Embora tenha sido pensado para ser aplicado aos blogs, entendemos que tal classificação poderia ser ampliada para outras redes sociais também, em particular o Facebook. De todo modo, o ponto que nos parece relevante para esta discussão é que, do ponto de vista de produção do sentido, o texto apresentado na postagem é coletivamente comentado e avaliado, produzindo novos olhares e reflexões sobre ele e, ao mesmo tempo, novas possibilidades de interpretação.

Uma das máximas do campo teórico do texto é que o sentido não é dado, mas construído pelos sujeitos numa situação sociocognitiva de interação. No caso das redes sociais e dos comentários nela registrados, essa situação fica ainda mais explícita. Os sentidos são construídos a partir do texto em si e também das manifestações plurais dos leitores.

Construção coletiva do(s) sentido(s)

Temos postulado neste artigo que a área de comentários das redes sociais pode ser um espaço privilegiado de aprimoramento de leitura, inclusive de textos multimodais, como as tiras cômicas, foco desta nossa exposição. Tentando amarrar a discussão conduzida até aqui antes de partirmos para a aplicação dela, teríamos a seguinte linha de raciocínio:

- se tiras cômicas mais complexas tendem a ser menos compreendidas pelos alunos, em particular do ensino médio,
- se os estudantes brasileiros nessa faixa etária (14 aos 17 anos) demonstram predileção por usar a internet (67%, segundo dados da Retratos da Leitura No Brasil) e usam com certa frequência redes sociais (55%%, conforme a mesma pesquisa),
- se tiras cômicas figuram entre os gêneros dos quadrinhos que mais circulam no ambiente virtual, já superando o volume delas presente nos cadernos de cultura dos jornais,

- é possível trabalhar com a ideia de que tiras cômicas veiculadas em redes sociais, bem como os comentários gerados por elas, possam se tornar um exercício de aprimoramento da leitura.

Para expormos como se pode dar esse processo coletivo de construção do(s) sentido(s), selecionamos para análise uma tira cômica de “Will Tirando”, veiculada no blog homônimo do desenhista brasileiro Will Leite. A opção pela escolha dessa série é pelo fato de ser uma das poucas de que se têm dados sobre os acessos àquela página virtual. Isso porque o autor tornou públicas informações a respeito do site, inclusive com registros que dialogam diretamente com a leitura nas mídias virtuais.

O levantamento foi divulgado no próprio blog no dia 2 de janeiro de 2015 e tomava como base o ano anterior⁸¹. Segundo registrou Will Leite, o blog teve cinco milhões de acessos em 2014. A maior parte das visitas se deu por meio de um terminal fixo de computador (82%). Celulares e tablets representaram 14% e 4%, respectivamente. O tempo médio de cada acesso foi de dois minutos e quatro segundos.

Esse período de tempo gasto no contato com a página, de certo modo, seria algo esperado. É raro fixar-se somente em uma página durante os acessos à internet – a tendência é pela pluralidade de acessos rápidos a diferentes conteúdos. Outro motivo é que as tiras cômicas tendem a ter formatos curtos, o que torna mais rápida a leitura. Houve dados sobre escrita também: ainda de acordo com o levantamento, foram registrados 13.200 comentários de internautas.

Sobre os acessos, 48% das pessoas chegaram até a página via Facebook, por meio do espaço mantido pelo autor naquela rede social, contra 25% que clicaram diretamente o endereço eletrônico do blog e 19% que acessaram via sites de busca ou por meio de links de outros sites (é muito comum um desenhista indicar outro, criando, assim, uma rede colaborativa de contatos entre os internautas).

Will Leite não renovou o levantamento nos anos seguintes. Mas esses dados já ajudam a dar uma ideia de como a página é lida e acessada e ajuda também a justificar a relevância dela para este estudo. A tira selecionada para análise foi veiculada no blog na manhã do dia 14 de abril de 2016. Vejamos:

⁸¹ LEITE, W. Estatísticas 2014. **Will Tirando**. Disponível em: <http://ww2.willtirando.com.br/estatisticas-2014/> Acesso em: 31 ago. 2016.

A importância das pequenas escolhas

📅 14 de abril de 2016 💬 35 Comentários



Figura 3 – Tira cômica da série Will Tirando, de Will Leite

Fonte: LEITE, Will. A importância das pequenas escolhas. **Will Tirando**. 14 abr. 2016. Disponível em: <http://www.willtirando.com.br/a-importancia-das-pequenas-escolhas/> Acesso em: 30 ago. 2016.

A Figura 3 reproduz o modo como a história foi apresentada ao leitor. Assim como outros exemplos da série, o autor costuma dar um título para as tiras que cria. A dessa data foi batizada de “A importância das pequenas escolhas”. Isso já ajuda o leitor a enquadrar o conteúdo que será visto na narrativa. Cria a expectativa de que o tema irá versar sobre esse assunto.

Logo abaixo do título, consta a data de veiculação da tira, 14 de abril de 2016, e a quantidade de comentários registrados pelos internautas. A imagem da tela do blog foi reproduzida no dia 31 de agosto de 2016. Nessa data, aquela postagem somava 35 manifestações escritas pelos leitores.

A tira aparece na sequência. Isso não significa, é importante que se registre, que a pessoa deva obedecer a essa ordem vertical de leitura, ela pode iniciar o contato com o conteúdo, por exemplo, pela própria história. De todo modo, são elementos que se somam no processo de construção do sentido, se observados do ponto de vista textual.

A história é narrada em cinco quadros. O primeiro apresenta a personagem – a maior parte das tiras de “Will Tirando” é feita com pessoas criadas especificamente para aquela trama. O leitor é levado a conhecer Geisy e à informação de que ela não seria famosa. As

cenas seguintes dão sequência ao relato do narrador, compondo com as imagens outros detalhes sobre a vida dela: “nunca apareceu na TV...”; “nunca tirou fotos pelada...”.

Os dois quadros finais trazem os elementos que levam ao sentido inesperado e, por consequência, ao efeito humorístico, marca central do gênero tira cômica. Registra-se que “Geisy leva uma vida comum... porque há 7 anos optou por uma blusinha básica e uma calça jeans”.

Para que se entenda o inusitado desse desfecho, o leitor teria de ter conhecimento prévio (informação que ele traz na memória, fruto de experiências e dados acumulados ao longo do tempo) de uma figura real, Geisy Arruda, que alcançou fama justamente por não ter usado uma “blusinha básica e uma calça jeans”. No lugar, optou por um curtíssimo vestido.

O caso envolvendo Geisy Arruda havia ocorrido justamente sete anos antes, em 2009. Ela usou o microvestido em uma universidade da região do ABC onde era, à época, estudante de turismo. Segundo noticiou a “Folha de S.Paulo” em 4 de novembro daquele ano⁸², dias antes ela havia sido vítima de perseguições e de agressões verbais por parte de outros alunos, sendo, inclusive, chamada jocosamente de “puta”. Arruda havia saído do campus com a ajuda da polícia militar.

Vídeos que mostravam a estudante circulando no campus e sendo afrontada por outros alunos da universidade, e que foram compartilhados na internet, ajudaram a dar ainda mais projeção à história. As imagens detalham que os gritos de “puta” foram, na verdade, um coro, proferido simultaneamente por várias pessoas. Na saída, escoltada pelos policiais, ela usava um jaleco por cima do vestido rosa choque que causou tanta polêmica.

O assunto foi paulatinamente migrando das páginas dos cadernos sobre o cotidiano para as de cultura, onde normalmente são publicadas as colunas sobre os bastidores dos famosos. Geisy Arruda assumiu esse lado midiático, tornando-se figura frequente em programas de TV e revistas sobre personalidades. Com a fama repentina, aceitou posar nua duas vezes, em 2010 e 2016, ambas para a revista “Sexy”.

Essa trajetória dela é sintetizada nos quadros da tira e seriam informações, como dito, que o leitor deveria recuperar por conhecimento prévio para poder compreender o texto. O nome dela, mencionado na primeira cena, já dá uma pista para orientar essa interpretação. Havia outro dado que reforçava essa percepção: uma das indexações usadas para resumir

⁸² ESTUDANTE xingada recua e adia retorno à universidade. Cotidiano. **Folha de S.Paulo**. 4 nov. 2009. p. C7.

aquela postagem (chamadas de “tags”), reproduzida na parte debaixo da tira, era justamente o nome dela, Geisy Arruda.

Além disso, quem lia a tira deveria estabelecer uma relação intertextual entre a imagem desenhada e a própria Geisy Arruda – o autor procurou construir visualmente a personagem com traços bastante próximos aos dela. Na cena final, vale registrar, é mantida a mesma cor rosa choque do microvestido, que é deixado na cama enquanto ela sai trajada de calça jeans e blusinha. Ao contrário da Geisy real, a Geisy ficcional teria optado por outro caminho, decisão que afetaria o restante de sua vida.

Como já mencionado, a tira registrava 35 comentários. Seguindo o método de análise proposto por Oliveira (2013), o intervalo entre as manifestações abrangeu o período de seis dias. A primeira manifestação foi veiculada em 14 de abril de 2016, às 12h23min, e a última, em 20 de abril, às 21h53min.

O comentário inaugural foi feito pelo leitor J. (omitiremos os nomes, mantendo apenas as iniciais, para evitar eventuais identificações; a única exceção serão as respostas dadas pelo próprio autor, caso em que se torna necessária a identificação da pessoa). J. explicitava ter identificado a quem a tira se referia e feito a associação com o caso real:

Ah sim, a culpa é dela! Que vergonha, né? Na tirinha está claro, a culpa foi dela de usar um vestido justo... Não foi da “universidade” ter expulsado ela por causa do que ela estava usando, e muito menos dos alunos que filmaram enquanto xingavam e faziam graça dela... A culpa é só dela por ter usado o roupa que ela queria e não a roupa que uma boa moça tem que usar, uma camiseta básica e calça jeans.

O segundo comentário foi registrado pelo autor do blog e da tira, Will Leite. Nove minutos depois, ele respondeu a J. por meio deste texto: “Culpa? Por que falar de culpa? Não tô julgando/culpando ninguém na tira. Só tô falando de escolhas... e das suas importâncias”. Essa manifestação deu início a três outras, todas abordando a questão da eventual culpa de Geisy Arruda no caso. Vejamos algumas (foi mantida a mesma escrita utilizada no blog):

B., 14 abr. 2016, 12h32min

Até hoje não entendo porque um vestido curto foi motivo de humilhação pública e expulsão, enquanto tantos casos de estupro nas universidades não são nem julgados, e continuam acontecendo. Pelo menos ela superou as humilhações e hoje está bem sucedida e não liga para os comentários maldosos dos haters. Parabéns pela tira Will.

E. V., 14 abr. 2016, 12h42min

Só relembrando um pouco o caso (e já adianto que não vou responder nada que questionarem), ali faltou bom senso de todos os envolvidos: da aluna (que ficou famosa), dos outros alunos (que, graças aos céus, foram esquecidos), e da reitoria da universidade (que, sinceramente, ninguém liga qual era mais...)

E, ainda, me referindo às escolhas, cada um de nós tem poder de influenciar os demais, por que todos somos importantes para alguém em algum nível; como influenciamos, depende do que escolhemos fazer ou como escolhemos ser! Assim como há semelhanças entre Marcelo D2 e Gabriel O Pensador (a inteligência e sagacidade das letras) e como cada um influencia os demais! Okay?

A., 14 abr. 2016, 12h48min

J., em questão de culpa, ela tem culpa de usar um vestido curto em uma instituição de ensino, onde há regras. Na minha faculdade não posso usar shorts, saias ou vestidos curtos, não posso usar chinelo, etc. Se eu vou sair depois da faculdade, a roupa de sair vai na bolsa.

O Will só mostrou que pela escolha dela, a de ir com um vestidinho pra facul, ela é o que é hoje. Posou pra revistas, conheceu gente rica, ganhou dinheiro fácil, etc. Eu não vi uma vez sequer a palavra “C U L P A” na tirinha.

Esse último registro apresenta dois aspectos a serem detalhados. O primeiro é que o internauta A. se dirige diretamente a outro, J, autor do primeiro comentário. Acionando uma vez mais o método de análise proposto por Oliveira (2013), a pessoa pode tanto fazer uma manifestação aberta a todos como direcionada especificamente a alguém, que pode ser tanto o mantenedor da página quanto outro leitor. Ocorreu justamente essa última situação.

O segundo aspecto é que essa exposição de A. foi vista pelo autor da tira como a mais próxima do sentido que ele pretendeu cunhar na tira cômica. Ele mesmo foi o responsável pelo comentário seguinte, registrado às 13h e, endereçado à leitora A.: “A., neste segundo parágrafo do seu comentário, você foi a ÚNICA (juro, a única) que fez a exata leitura do que eu quis passar na tira”.

Percebe-se, por essas primeiras interações, que a troca de comentários ajuda o leitor a ajustar o sentido proposto pela tira e dá também oportunidade ao autor de expor o que realmente procurou dizer com aquela história. Isso não impede, no entanto, que possa haver outras possibilidades de interpretação ou de posicionamentos críticos sobre o conteúdo.

O internauta V., por exemplo, registrou no dia seguinte, 15 de abril, à 0h16min, que enxergou machismo na tira. Segundo argumentou, o quadro final traria diferentes informações implícitas, cuja interpretação iria variar de pessoa para pessoa. Seguindo a linha de raciocínio de V., a inferência sugerida na frase final da história – “... porque há 7 anos optou por uma

blusinha básica e uma saia jeans” – poderia ser completada de maneiras distintas: “em vez de sair como piriguete”, “em vez de usar um vestidinho provocante” ou ainda “em vez de sair de vestido curto”.

Depois de expor essas opções, questiona: “E agora me diga, nessa sociedade machista e opressora, qual são as primeiras frases que veem (sic.) a mente? Na minha cabeça, veio ‘em vez de usar aquele vestido rosa HORRENDO!’”. Quatro dias depois, às 11h33min, M. respondeu a esse comentário de V. (uma vez mais, foi mantida a mesma escrita registrada no blog):

Esse é o grande problema, V.!! A arte sempre vai estar aberta a interpretações diferentes, nem por isso tudo tem que vir com legenda explicativa. Se tiver que explicar tudo não é mais arte!! A tirinha poderia ser sobre como o Bill Gates ter escolhido estudar tecnologia ao invés de direito mudou não apenas a vida dele como a história da humanidade. Mas como tem mulher, tem roupa e tem uma galera que sai caçando machismo em tudo, deu no que deu... Apesar de o título estar mais claro que um albino no sol

Vê-se, pelo texto de M., que se passou estabelecer uma discussão coletiva sobre sentidos gerados por e a partir da tira cômica. Os temas dos comentários – ou as finalidades deles, se formos seguir a nomenclatura proposta por Oliveira (2013) – abordaram estes tópicos:

- opiniões sobre o caso real vivido por Geisy Arruda (28,6% dos comentários)
- opiniões sobre o modo como a tira fora compreendida por outros leitores (20%)
- registros sobre escolhas diferentes que poderiam ter sido tomadas na vida (17,1%)
- polêmica de a tira ser ou não machista (14,3%)
- respostas pontuais ou outros aspectos abordados (20%)

Um dado relevante para esta discussão é que leitores que fizeram outra interpretação do conteúdo foram alertados ou pelo autor ou por outros internautas sobre qual teria sido a proposta inicial de sentido pretendida com aquela produção multimodal. Inclusive com cobranças sobre a necessidade de se interpretar adequadamente o texto, como ajuda a demonstrar este irônico comentário do leitor S., registrado em 14 de abril, às 13h24, em relação à intervenção do internauta J.: “ou você tem que parar com as drogas ou voltar pra aula de interpretação de texto”.

Considerações finais

Este artigo procurou fundamentar que tiras cômicas mais complexas tendem a gerar maior dificuldade de compreensão entre alunos do ensino médio, etapa do processo educacional em que é esperado que o estudante já tenha desenvolvido a capacidade de entendimento de informações menos explícitas em textos, tanto verbais quanto multimodais.

Defendeu-se também que uma possível forma de aprimoramento da leitura possa estar na presença dessa forma de produção em redes sociais. Segundo demonstram os dados da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, há uma familiaridade muito forte com essas plataformas entre leitores da faixa etária equivalente ao ensino médio.

A análise procurou demonstrar como o espaço dos comentários existente nas redes sociais pode funcionar, mesmo que inconscientemente, como um exercício coletivo de aprimoramento do processo de construção do(s) sentido(s). Por meio das trocas de mensagens, inclusive com a possibilidade de manifestação do próprio autor, ajustam-se, de forma colaborativa, os aspectos que levam à interpretação daquele conteúdo.

O fato de a mediação ser feita em uma rede social, como no blog utilizado para análise, e não em uma prova vestibular ou em um exame para aferir conhecimento ajuda a tornar menos “oficial” a discussão sobre a interpretação da tira e, entende-se, pode transformar esse processo mais proveitoso e aprofundado do ponto de vista da leitura.

A inclusão de tiras cômicas – ou mesmo outros gêneros – em redes sociais e a consequente troca de impressões sobre o conteúdo, manifestada nos comentários, não irá resolver por completo o déficit de leitura identificado pelos poucos dados existentes sobre o tema. Há certamente (muitas) outras iniciativas que têm de ser tomadas paralelamente. Mas defendemos que este pode ser um caminho possível (embora não o único) para enfrentar a questão.

Referências

ABAURRE, M. B.; POSSENTI, S. **Vestibular Unicamp: Língua Portuguesa**. São Paulo: Globo, 1993.

ARAÚJO, J. Reelaboração de gêneros em redes sociais. In: ARAÚJO, J.; LEFFA, V. (orgs.). **Redes sociais e ensino de línguas: o que temos de aprender?** São Paulo: Parábola Editorial, 2016. p. 49-64.

CASTRO, Thiago Estevão Calixto de. **Tiras cômicas online: mediação e interações na linguagem das tiras**. 195 f. Dissertação (Mestrado em Tecnologia). Programa de Pós-Graduação em Tecnologia, Universidade Federal Tecnológica do Paraná. Curitiba, 2016.

CAVALCANTE, M. M. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2012.

CAVALCANTE, M. M.; CUSTÓDIO FILHO, V.; BRITO, M. A. P. **Coerência, referenciação e ensino**. São Paulo: Contexto, 2014.

COMVEST. **Vestibular nacional Unicamp 2011 – Língua Portuguesa: 2ª fase**. Campinas, SP: Comvest/Unicamp, 2011.

CUSTODIO FILHO, V. **Múltiplos fatores, distintas interações: esmiuçando o caráter heterogêneo da referenciação**. 330 f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2011. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/8896/1/2011_tese_vcfilho.pdf Acesso em: 20 ago. 2016.

ESTUDANTE xingada recua e adia retorno à universidade. Cotidiano. **Folha de S. Paulo**. 4 nov. 2009. p. C7.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da Leitura no Brasil – 4ª edição**. São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2016.

KOCH, I. G. V. **Introdução à Linguística Textual**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2015.

LEITE, W. Estatísticas 2014. **Will Tirando**. 2 jan. 2016. Disponível em: <http://ww2.willtirando.com.br/estatisticas-2014/> Acesso em: 31 ago. 2016.

_____. A importância das pequenas escolhas. **Will Tirando**. 14 abr. 2016. Disponível em: <http://www.willtirando.com.br/a-importancia-das-pequenas-escolhas/> Acesso em: 31 ago. 2016.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

OLIVEIRA, M. R. Interações na blogosfera. In: SHEPHERD, T. G.; SALIÉS, T. G. (Orgs.). **Linguística da internet**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 157-179.

RAMOS, P. **Faces do humor: uma aproximação entre piadas e tiras**. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2011.

_____. Estratégias de referência em textos multimodais: uma aplicação em tiras cômicas. **Linguagem em (Dis)curso**. Tubarão, SC: set., dez. 2012. v. 12. n. 3. p. 743-763. Disponível em:

http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/1221/1022 Acesso em: 29 ago. 2016.

_____. Raio-X das tiras no Brasil. **Nona Arte: Revista Brasileira de Pesquisas em Histórias em Quadrinhos**. São Paulo, 2015a. v. 4. n. 1. p. 49-58. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/nonaarte/ojs/index.php/nonaarte/article/view/159/152> Acesso em: 30 ago. 2016.

_____. Tiras cômicas em suportes digitais. **Estudos Linguísticos**. São Paulo: maio, ago. 2015b. v. 44. n. 2. p. 770-783. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1010/592> Acesso em: 30 ago. 2016.

_____. **Tiras livres: um novo gênero dos quadrinhos**. 2 ed. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2016a.

_____. **A leitura dos quadrinhos**. 2 ed. 2 reimpr. São Paulo: Contexto, 2016b.

RAMOS, P.; SILVA, Y. D. As implicações do texto multimodal na leitura. **Diadorim**. Rio de Janeiro: 2016. v. 2. n. 18. (No prelo).

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Relatório pedagógico Saesp 2013**. São Paulo: 2013. Disponível em: http://file.fde.sp.gov.br/saesp/saesp2013/Arquivos/SARESP%202013_Relat%C3%B3rio%20Pedag%C3%B3gico_L%C3%ADngua%20Portuguesa.pdf Acesso em: 29 ago. 2016.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Relatório pedagógico Saesp 2015**. São Paulo: 2015. Disponível em: http://file.fde.sp.gov.br/saesp/saesp2015/Arquivos/LP_2015_online.pdf Acesso em: 29 ago. 2016.